



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**UTILIZAÇÃO DO FILME “BICHO DE SETE CABEÇAS”
COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

ALEXSANDRA SOBRAL SOUZA LOPES

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2019

ALEXSANDRA SOBRAL SOUZA LOPES

**UTILIZAÇÃO DO FILME “BICHO DE SETE CABEÇAS”
COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, pela disciplina Prática de Pesquisa, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Pina Lima.

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2019

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto discutir teórica e metodologicamente uso do cinema como dispositivo pedagógico a ser utilizado como recurso nas aulas de história nos ensinos fundamental e médio. Para isso utilizamos aqui como instrumento o filme “Bicho de sete cabeças”, possibilitando apresentar a história dos manicômios brasileiros e seu impacto na sociedade até então. Pelo que foi apresentado na obra dirigida por Laís Bodanzky (2001), o filme se tornou ponto de partida para a extinção dos institutos psiquiátricos no país. Estabelecemos como nossa base teórica as explicações feitas por Mark Ferro (1992) a respeito da relação cinema e história, assim como, as teorias expostas e formuladas pela escola de Annales sobre a pluralidade das fontes históricas. Desta forma, buscaremos incorporar o cinema no ensino em sala de aula como dispositivo de aprendizado facilitador na educação do educando.

Palavras-chave: Bicho de sete cabeças; práticas alternativas cinema; cinema; ensino de história; manicômios.

ABSTRACT

This work aims to discuss theoretically and methodologically the use of cinema as a pedagogical device to be used as a resource in history classes in Elementary and High school. For this we use here as an instrument the movie “Bicho de Sete Cabeças”, allowing to present the history of the Brazilian asylums and their impact on society until then. From what was presented in the work directed by Laís Bodanzky (2001), the film became a starting point for the extinction of psychiatric institutes in the country. We establish as our theoretical basis the explanations made by Mark Ferro (1992) about the relation between cinema and history, as well as the theories expounded and formulated by the Annales school about the plurality of historical sources. Thus, we will seek to incorporate cinema in classroom teaching as a facilitating learning device in the education of the student.

Keywords: Bicho de Sete Cabeças; Alternative cinema practices; History teaching; Movie theater; Asylums.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. O FILME COMO FONTE HISTÓRICA	7
2. O USO DO FILME NO ENSINO DE HISTÓRIA	9
3. COMO INTRODUZIR O FILME EM SALA DE AULA?	11
4. “BICHO DE SETE CABEÇAS”: UMA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA ..	14
4.1 – Implementação do filme em sala de aula.....	15
CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS	18

INTRODUÇÃO

O cinema pode auxiliar na prática do ensino de história, oferecendo diversas possibilidades didáticas em sua utilização. Essa ferramenta origina massa ao imaginário, trazendo ao presente ou se fazendo real, fatos e momentos históricos, confrontando assim o discurso das imagens com o discurso dos textos.

Segundo Burke “para ser um historiador, o que precisa ter acima de tudo, é imaginação, perspicácia e uma sensibilidade para descobrir questões relevantes e os lugares certos para encontrar respostas a ela” (BURKE, 2000, p, 205)

É incontestável que os filmes abrangem todo tipo de problemática, desde as primícias do tempo até a realidade atual, nos fazendo lembrar de acontecimentos passados ou presentes, retratando e comparando o antigo com os dias atuais. O trabalho do historiador é achar o contexto histórico para chamar a atenção dos alunos em prol das crenças, costumes e atitudes tomadas por determinados interlocutores, integrando-os a uma historiografia para que possam ver através da imagem, do roteiro, das cenas, da cor, da luz, aquilo que se quer fazer presente.

A produção fílmica pode ser aproveitada, e os alunos que, até então assistem as obras cinematográficas como entretenimento, vão passar a ver os filmes como mecanismo de aprendizado através do qual perpassam ideologias e representações de nossa sociedade.

Além de mostrar que a relação existente entre cinema e ensino de história pode se tornar ainda mais estreita, faremos uso do filme o Bicho de Sete Cabeças (2001), que representa o que estamos tentando expor, o cinema como dispositivo que pode ser utilizado pelo docente.

1. O FILME COMO FONTE HISTÓRICA

O processo de utilização de diferentes fontes para o estudo histórico, foi iniciado durante a década de 1930 com a escola dos Annales, precursora da ampliação das fontes e a desmistificação da prática positivista de fazer história, questionando assim a natureza essencial do que a História tradicional chamava de documento.

Com isso, percebe-se que para o conhecimento histórico contemplar o mais próximo de sua veracidade, é imprescindível que se utilize de tantas outras construções “históricas” comumente difundidas pelos meios de comunicação em massa os quais temos acesso facilmente.

No ensino de história, o profissional de história que está em sala de aula não pode se esquivar dessas outras produções, muitas vezes chamadas de não científicas, mas que de forma relevante, contribuem ou influenciem o entendimento histórico. “O trabalho do historiador deve basear-se no diálogo com outras áreas principalmente nas chamadas, ciências sociais” (BLOCH, 1930, p.34).

O cinema é para Ferro “documento e obra de arte que são, ao mesmo tempo, ou instrumentos de propaganda política ou ideológica, ou meio de informação. Assim, esses fatores devem ser considerados nas relações entre a história dos historiadores e a história como patrimônio ou memória social” (FERRO, 1992, p.17).

Dentre as fontes históricas que ganharam grande atenção nas últimas décadas, está o cinema. Há muitos trabalhos bibliográficos que tratam da temática cinema e educação, mas a “maioria trata a relação dos filmes como objetos ou fontes de pesquisa para o historiador, mas, poucos lidam com a temática do ensino” (NASSALARA, 2010, p.55).

A temática histórica sempre foi um objeto privilegiado das mais variadas cinematografias por todo o mundo. O Prof. Dr. Luiz Eduardo Pina Lima defende o uso do filme como fonte documental para elaboração do próprio discurso histórico.

[...] a História sempre teve espaço como uma das temáticas preferidas nas mais diferentes cinematografias. O que nos induz, como professores de história, a olhar com bastante atenção para essa produção, seja como simples ferramenta didática, fonte para a História, como elemento para a construção da História do próprio cinema ou como instrumento que nos possibilite realizar uma contra análise da sociedade que a gerou (LIMA, 2003, p.236).

A professora doutora Silene Ferreira Claro, expõe em seu artigo Cinema e história uma reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático, que a produção cinematográfica nos permite utilizar métodos de pesquisa da

historiografia. Assim, o filme passa a ser um documento no qual é possível resgatar representações que se tem da sociedade à qual pertence. Em contrapartida, se o filme tiver o objetivo de reconstruir com detalhes um momento ou um fato histórico, realizando assim uma reconstituição histórica, ele estará falando muito mais das representações que tal sociedade tem de determinado momento do passado do que propriamente daquele período.

Obras cinematográficas com conteúdo histórico, que são analisados como fontes históricas, podem ser utilizadas como fonte, não meramente para ilustrar o período ao qual se quer chegar, todavia também podem nos mostrar muito do período que foi produzido. “Aos analisarmos filmes com conteúdo histórico, podemos classificá-los em fontes primárias ou secundárias” (CLARO, 2012).

Por mais que a obra proponha analisar ou discutir o passado, as características da sociedade que a produziu estão presentes, e com um prévio conhecimento podem ser notadas com certa facilidade. Caso a obra seja utilizada para realizar este tipo de análise, ela poderá ser considerada uma fonte primária de estudo. Para exemplificar, Claro (2012) destaca o uso do filme *Tróia*, de 2004, dirigido por Wolfgang Petersen. Esta grande produção cinematográfica de conteúdo histórico, que retrata a obra de Homero, *Ilíada*, narra os acontecimentos sem a interferência direta dos deuses, que, segundo a mitologia grega antiga, interferiam constantemente e de forma física, tendo contato direto com seus fiéis. O filme apresenta a questão do Ocidente pragmático e o Oriente “religioso”. Com isso percebe-se que o filme não apenas traz o conteúdo puramente histórico, também nos remete a questões contemporâneas.

Ao se analisar o filme como uma fonte secundária, na intenção de resgatar formas e representações do passado que alimentam o presente, os filmes podem se tornar um ótimo aliado do profissional de História. Fazendo uso novamente do filme *Tróia*, podemos retirar dele elementos que podem nos ser úteis como uma representação presente de um passado longínquo. Podemos observar quais aspectos do passado são reconstruídos, desde os monumentos, vestimentas do período, até as formas de se compreender o mundo.

Para Lima (2013), sendo uma narrativa discutida, a imagem também está indivisível às ideologias, e, portanto, enquanto filme, não é uma representação inocente, pois, semelhante aos documentos oficiais, “que representam a visão dos homens de estado e seus poderes (legislativo, executivo, judiciário, eclesiástico etc...), a imagem

também representa uma visão específica, a da sociedade que a produziu” (LIMA,2003, p.3).

Todos estes elementos estão presentes na análise do historiador quando este se debruça sobre a produção fílmica. Em suma: debate-se com problemas de ordem metodológica, política, ideológica e econômica numa única fonte que é ao mesmo tempo produto cultural de uma sociedade industrial capitalista e exerce grande influência sobre o público que o consome, numa relação dialética (CLARO, 2012, p.115).

Mesmo com a intenção de dialogar e materializar o passado através das telas de exibição, os filmes com conteúdo histórico acarretam uma carga do presente em que foi produzido. No entanto, isso não os excluem da qualidade de fontes válidas a serem utilizadas para estudar o momento em que foram lançados ou para ser empregado como um elemento de concretização no estudo das características das sociedades passadas.

O cinema é tido como um produto cultural, e nossa sociedade o “consome” a cultura que é veiculada por essas obras. Atualmente as produções cinematográficas, diferente do seu início comercial na sociedade, estão cada vez mais acessíveis ao público de diferentes classes sociais econômicas. Disponíveis desde nas telas de um cinema até na palma de nossas mãos através dos *smartphones*. É comum que os personagens do cinema sejam vistos por muitos grupos sociais como modelos de comportamento e de conduta. Portanto o professor de história pode problematizar o uso desse fato para fazer dessa fonte, um dispositivo para o ensino de história.

2. O USO DO FILME NO ENSINO DE HISTÓRIA

Fazer uso de documentos, fontes, metodologias e novas linguagens na história é uma necessidade da atualidade, na qual o aluno tem ao seu dispor um enorme cabide de opções, como a televisão, a música, o teatro, o cinema, e todos eles ficaram ainda mais próximos com a internet. Sabendo disso, é cabível que o professor supere os tratamentos tradicionais, levando para sala de aula novas fontes e os mais recentes modos de se analisar a história.

Na atual conjuntura do cenário educacional, é acordado por muitos autores que este contexto prescinde de uma utilização dos meios audiovisuais, principalmente do cinema como instrumento de apoio ao processo de aprendizado. Para tal tarefa é necessário refletir acerca do público com o qual se trabalhará e dos objetivos e conteúdos, já que a análise de filmes permite a “interpretação dos fenômenos sociais,

nas suas relações com os indivíduos, com mentalidades, com os processos psicológicos individuais e coletivos” (VESENTINI, 1997, p.163).

Marc Ferro, em sua obra “A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação”, teorizou sobre os usos ideológicos do cinema. Segundo ele,

“Hoje já está em tempo de se colocarem frente a frente todas essas representações porque, com a ampliação do mundo, sua unificação econômica e fragmentação política, o passado das sociedades é mais do que nunca um dos alvos do confronto entre Estados e Nações, entre culturas e etnias. Controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderes dominantes, Estados, igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais eles entregam a cada um e a todos um passado uniforme” (FERRO, 1992).

Com isso, propõe-se a necessidade de que o ensino de História nas escolas de ensino fundamental e Médio, inclua utilização dos meios de comunicação de massa, já que os estudantes têm acesso com grande facilidade a esses veículos culturais.

Já se nota, há alguns anos, que os filmes vêm sendo introduzidos cada vez mais nas aulas de história, sendo utilizado como fonte primária ou secundária nos estudos históricos. É inevitável utilizar essa “arma” ao nosso favor, já que atualmente já se tem tecnologia altamente eficaz que facilita o uso das produções fílmicas.

Contudo a possibilidade de utilizarmos o filme em sala de aula, obriga-nos a refletir sobre questões fundamentais que devem frequentar a mente dos professores antes de utilizar qualquer recurso didático, quais sejam: Que “história” desejamos ensinar? Ou melhor, que tipo de discurso desejamos produzir ou reproduzir? Tal planeamento parte do reconhecimento de que o ensino de história implica, essencialmente, na produção de subjetividade ou na reprodução da própria conformação social (LIMA, 2003, p. 1).

Estes questionamentos devem ser levados em consideração, pois apesar da atual facilidade de acesso aos meios midiáticos, nesse caso as produções cinematográficas, essas produções podem produzir diferentes respostas nos alunos. O professor de história no uso desse dispositivo deve estar atento, para essas questões, para que a mensagem a ser passada, ou o objetivo da aula, não seja deturpado e cause um efeito contrário ao desejado.

Seguindo essa linha, é evidente que o professor deve procurar desconstruir os diferentes elementos utilizados por meio do filme, com o intuito de manipular e modificar o conteúdo histórico exposto. Estes elementos são utilizados “para transmitir mensagens e modo de vida essencialmente ideológicos, quase sempre mascarados por

efeitos espetaculares ou distribuídos em seus diferentes elementos compositivos: roteiro, produção, interpretação dos atores, fotografia, etc.” (LIMA, p. 3)

O professor deve estar atento a como ele fará uso deste dispositivo tão carregado de valores ideológicos do presente, mesmo que a produção esteja tentando retratar aspectos do passado.

Segundo Ramos (2002), para se realizar uma pesquisa sobre um filme é necessário: em um 1.º Passo, leitura de textos publicados em: jornais, revistas, livros e sites que comentam ou interpretam os filmes selecionados, em 2.º assistir aos filmes em 3.º compreender o filme, ou seja, identificar as relações entre imagem *versus* sons, desvelando significados intrínsecos – tarefas para tal empreitada: a) identificar as estratégias de produção do filme: diretores, produtores e roteiristas; b) reconstruir interpretações disponíveis: textos produzidos pelos críticos e artigos produzidos sobre o filme e c) interpretação do historiador (RAMOS, 2002).

O que o Ramos expõe são etapas que abrangem a seleção das obras cinematográficas a serem trabalhadas pelo professor, isso inclui avaliar quem as produziu e seu gabarito enquanto produtores de um conteúdo que pode, ou não, ser utilizado por ele. Nesse sentido, deve ser levado em consideração as linhas ideológicas da equipe que o produziu, pois, mesmo nas produções que pretendem expor um fato histórico, sobrepondo o viés artístico, a produção fílmica carrega muitos elementos intrínsecos de quem o produziu, já que esta, será uma visão singular do mundo dos diretores e roteiristas.

3. COMO INTRODUIR O FILME EM SALA DE AULA?

Alguns outros autores se debruçaram a estabelecer modelos para a análise fílmica a serem utilizados como documento. Cristiane Nova (2019) estabelece um modelo de análise do filme, enquanto ferramenta metodológica:

- 1-** Seleção dos títulos sobre os quais vai se trabalhar, depois obviamente que o objeto e os objetivos da pesquisa estiverem definidos pois são estes que ditarão os critérios de seleção dos filmes;
- 2-** Análise individual de cada filme: [...] a crítica externa do filme, cronologia de produção, versão, alterações da censura, equipe técnica de produção, público-alvo, biografia dos produtores [...];

3- Análise do conteúdo de cada filme: Crítica interna do filme, elementos explícitos, nos diálogos, indumentária gestos, enredo e sentido geral; elementos implícitos, no conteúdo e nas entrelinhas.

4- Elementos inconscientes que escaparam as intenções dos produtores em nível individual ou coletivo, ou seja, a ideologia que deve ser decodificada, para isto é necessária o próprio distanciamento do pesquisador em relação aos seus condicionamentos ideológicos;

5- Comparação do conteúdo do filme com os conteúdos histórico-sociológicos da sociedade que a produziu, e os elementos novos que se apresentam (importante: consulta a outras fontes de pesquisa e cruzamento dos dados) (NOVA, 2003, p. 25).

Estes elementos devem ser levados em conta pelo professor, pois são aspectos teórico-metodológicos essenciais para quem quer lidar com a pesquisa e o estudo em torno do cinema. Acreditamos que inclusive fornece subsídios também para os professores pensarem em elementos paralelos em seu uso em sala de aula.

Lima (2003), fazendo referência ao professor Juan Carlos Flores Auñun, Membro do centro espanhol de Cinema para a infância e a juventude, nos apresenta um modelo de trabalho utilizando de imagens fílmicas, onde o professor é o principal responsável pela seleção do filme a ser utilizado em sala de aula, tendo, inclusive, o dever de fazer a preparação prévia dos alunos antes da aplicação didática do referido recurso. Também é sugerido que o professor repasse a ficha técnica da película e prepare um breve resumo argumentativo.

A seguir, é proposto que seja realizado alguns comentários com valorações históricas, onde sejam destacados criticamente os aspectos mais importantes do filme e suas relações com outros recursos didáticos como livros e mapas. É recomendado ainda que a preparação seja feita de forma oral para os estudantes de nível fundamental e escrita para os de nível médio.

Para o processo avaliativo, é sugerido que ele pode ser realizado por meio de trabalho dissertativo, o que pode ser levado em conta na aplicação de uma possível “nota”, seja valorado além da forma, a profundidade do conhecimento e a capacidade de redação do mesmo, podendo, inclusive, recomendar-se a apresentação de alguns a frente dos colegas na sala de aula.

Entretanto, Lima (2003) vê nesta metodologia, uma proposta demasiada “centrada na figura do professor, tendendo a valorizar o docente como o proprietário, único e exclusivo do saber delegando ao aluno a função de mero repetidor” (LIMA, 2003, p. 4).

A crítica realizada é de suma importância, pois, sugere que velhos modelos educacionais já não mais se encaixam aos novos tempos e conjunturas sociais que os jovens estudantes estão presentes. Todavia, o próprio Lima (2003) traz uma proposta metodológica bem atraente, citada por Miquel Porter I Moix, fundador da Col·lecció Cinematogràfica Catalana e professor de história do cinema na Universidade de Barcelona. O referido autor defende um planejamento didático que pode ser realizado “em uma sessão de cine-clube educativo. Para tanto, propõe destacar a importância de separarmos três tipos de exploração deste recurso didático: ensino no cinema, com aproveitamento comercial, ensino pelo cinema, com a utilização especializada e ensino do cinema, com aprendizagem funcional.

Nesta metodologia, o professor, ou uma equipe de profissionais, escolheriam uma temática a ser abordada, e selecionariam vários filmes relacionados ao tema escolhido, em seguida caberia aos alunos realizar a escolha de um dos filmes. Após feita a escolha do filme, o professor, ou uma equipe, apresentaria aos alunos a sinopse do filme juntamente como ele foi produzido. Ainda na preparação é sugerido que além das informações já expostas, também sejam repassados os aspectos técnicos, gênero cinematográfico ou o estilo do diretor, aproximando os alunos o máximo de como o filme foi produzido (LIMA, 2003, p. 5).

Após a devida preparação, projetar-se-á o filme. Durante a reprodução da película o professor ou a equipe, estarão atentos as expressões, reações e ao comportamento dos alunos. Baseado em tudo que foi visto, dar-se início a um debate, o responsável pela discussão dará ênfase a pontos que não foram bem compreendidos pelos alunos, na tentativa de se chegar a um consenso (LIMA2003, p.5).

Finalmente, propõe-se que os alunos preparem uma ficha, na qual expressaram sua compreensão e entendimento de todos os elementos contidos no filme, “situação cultural, social econômica e política por ocasião da realização do filme” (LIMA, 2003, p.5). Aprofundando este tema o autor continua dizendo:

Esta segunda forma de intervenção didática nos pareceu um pouco menos centrada na figura do professor, que, segundo a proposta, pode trabalhar com ou sem equipe. Além disso, o aluno é o construtor do seu próprio conhecimento, não de forma aleatória, mas seguindo as coordenadas preliminares apresentadas pelos especialistas, estando nas mãos dos alunos, e não unicamente na mão do professor, a responsabilidade de organizar e emitir suas próprias opiniões sobre o filme (LIMA, 2003).

De fato, tirar do aluno a possibilidade de ele mesmo produzir o seu conhecimento é insistir na ideia de um indivíduo detentor do conhecimento certo e absoluto. Acredita-

se aqui que, para que aluno possa ter o pleno entendimento do conteúdo, e se sinta motivado para tal, ele mesmo precisa em parte produzi-lo, tendo o professor o papel de guia, aplicando, através de práticas metodológicas a temática proposta, os auxiliando em suas dificuldades e dúvidas.

Escolhemos para o presente trabalho, utilizar como dispositivo de exposição prática, o filme brasileiro “Bicho de sete cabeças”. Mostraremos assim a aplicabilidade prática de como as produções cinematográficas podem auxiliar no ensino de história.

4. “BICHO DE SETE CABEÇAS”: UMA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

O filme Bicho de sete cabeças (2001) é um excelente exemplo de como o cinema pode auxiliar no processo de construção histórica, por isso o utilizamos para expor tal processo. A obra cinematográfica foi baseada na história de vida de “Autregésilo Carrano Bueno”, que foi publicado no livro autobiográfico “Cantos malditos”. O filme foi lançado em 2001 e dirigido por Laís Bodanzky, que conta a saga de um jovem internado em um hospital psiquiátrico para um suposto tratamento, devido a um hipotético vício.

Após o lançamento, o filme obteve grande repercussão positiva, conferindo-lhe bons elogios dos críticos, indicações e importantes prêmios nacionais (Prêmio Qualidade Brasil, o Grande prêmio Cinema Brasil, Troféu APCA de “Melhor filme”, Festival de Brasília e Festival de Recife) e internacionais (Prêmio Jovem Júri no 54º Festival Locarno). Em 2015, entrou para o *hall* dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, título empregado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).

A história gira em torno do jovem Neto, personagem interpretado pelo ator brasileiro Rodrigo Santoro. Ele foi internado em um manicômio pelo próprio pai, Wilson (Othon Bastos), que encontrou um cigarro de maconha em suas roupas. O jovem é levado a “clínica” psiquiátrica, sendo obrigado a ingerir a fortes medicamentos sem passar por uma avaliação médica adequada. Quando o jovem se rebelava era submetido a tratamento de choque pois, era constatado que estava sofrendo com a abstinência as drogas.

O filme retrata que não apenas o jovem foi vítima da incompreensão por parte dos familiares e dos esquemas corruptos que giravam em torno do sistema de clínicas manicomiais, visto que muitos outros indivíduos foram pacientes nesses locais.

Após conseguir sair da clínica, por iniciativa do pai, é explícito o protagonista não consegue retornar a sua vida cotidiana, traumatizado pelas mazelas e moléstias que passou. Deve-se ressaltar que nem sempre pessoas conseguiam sair das clínicas por vontade própria ou da família, o Estado em muitos casos, era quem determinava a continuidade do indivíduo na clínica.

A “internação compulsória” dos pacientes foi um dos diversos pontos-chave apresentados no longa-metragem. O conteúdo presente no filme foi o que o tornou tão significativo, pois, foi a partir daí que o ministério público foi “provocado” a tomar uma atitude a respeito do estava acontecendo nos centros de internação. Tudo desembocou, após decisão e votação na Câmara dos Deputados na Lei 2.704 de 2015, que instituiu um Programa Nacional de Dependentes Químicos, dando assim, fim aos manicômios em todo o Brasil.

Várias abordagens podem derivar da riqueza de temas trazidas pelo filme. Aqui a opção escolhida foi pela utilização do filme no ensino de história. O debate gira em torno do conteúdo presente no filme e como seus elementos intrínsecos poderão ser utilizados na prática.

4.1 – Implementação do filme em sala de aula

O filme foi aplicado junto aos alunos do Colégio Estadual João Batista Nascimento, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro. A experiência foi voltada para as turmas do 8º ano A e B do ensino fundamental. Participaram ao todo, 37 estudantes, de idades variadas, entre 16 e 27 anos.

A película foi aplicada em sala fazendo uso do método exposto por Lima (2003). Apresentar-se-á aos alunos, todos os elementos implícitos e explícitos que o filme manifesta: política, economia, aspectos sociais e culturais que giram em torno da obra, mas para isto, se faz necessário realizar uma leitura bibliográfica anterior, sobre o tema e o filme.

Em seguida, ponderou-se como o filme e sua história se encaixava com o que o professor pretende expor em sua aula. Não se deve depositar no filme a responsabilidade de elucidar a temática de interesse aos alunos, deve-se lembrar que a obra cinematográfica é uma ferramenta que pode auxiliar os professores em suas respectivas aulas, mas não assumir o seu papel.

Pesquisar previamente os detalhes sobre o filme curiosidades, críticas, análises, reportagens, materiais que abordem o contexto sobre a produção do filme.

Logo após esse procedimento metodológico, iniciou-se o processo de reprodução do filme, sempre observando como os alunos reagiram aos acontecimentos mostrados. O professor esteve atento as cenas consideradas mais “fortes”, portanto verificar se a classificação indicativa do filme está de acordo com a idade dos alunos, que geralmente já estão no ensino médio, considerando que o filme seja exposto em escolas brasileiras.

Ao término da reprodução do filme, pediu-se que os alunos preenchessem uma ficha expondo o seu entendimento a respeito do que viram. As questões apresentadas foram:

- 1) Qual a temática abordada no filme? O que os produtores tentaram nos mostrar? Comente.
- 2) Você conseguiu aprender algo com o filme que foi reproduzido? O que?
- 3) Há algo no filme que você não compreendeu? Comente sobre.
- 4) Quais aspectos do filme reproduzido você mais gostou?
- 5) Faça um resumo do filme dando destaque as cenas que mais se relacionam como conteúdo trabalhado em sala de aula.

O professor e a equipe recolheram as fichas, e deu-se início a um debate. Ao final do processo os alunos e os professores chegaram a um conhecimento mais construído e complexo sobre o tema, que nesse caso são os “manicômios no Brasil”.

Após o debate, os próprios alunos debateram com os demais colegas, expondo seus pontos de vista a respeito de tudo que foi apresentado e discutido, dessa maneira os alunos se tornaram produtores de conteúdo, mas não um conteúdo qualquer, mas algo construído através do debate, reflexão e consenso, gerando algo muito mais complexo e melhor trabalhado.

CONCLUSÃO

Conclui-se com o presente debate em torno da relação entre o cinema e o ensino de história ainda renderá muitas discussões, pois são poucos os trabalhos que se preocupam em demonstrar no cinema enquanto transmissor de informações e de tantos valores do presente e do meio em que foram produzidos.

Presenciamos, portanto, um maior interesse por parte dos discentes com a utilização do cinema como prática metodológica no ensino de história, através do filme *Bicho de Sete Cabeças* (2001). Os educandos mostraram-se participativos e instigados com esse dispositivo, o que gerou um resultado positivo, pois muitos tiveram um melhor aprendizado e bons resultados através dessa prática.

Com base nos estudos presentes neste artigo podemos concluir que, o cinema pode ser utilizado como dispositivo pedagógico para o ensino de história. O professor deve estar preparado para fazer uso desse dispositivo que carrega tantas possibilidades, algumas ainda desconhecidas e passíveis de próximos estudos.

REFERÊNCIAS

Audiovisual:

BOLOGNESI, Luiz (Roteirista) & BODANZKY, Laís (Diretora). **Bicho de Sete Cabeças**. Ano: 2001. Distribuição: Columbia Tristar; RioFilme. Gênero: Drama. Duração: 1h30min.

Bibliográficas:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC / Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia**. Vol. 5 3. Ed. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001, 160p.

CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana M. ° História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs). **Domínios da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p, 401 – 417.

CLARO, Silene Ferreira. **Cinema e História uma Reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático**. 2012.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução de Flávio Nascimento, São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1992.

_____. **Filme: uma contra análise da sociedade?** In: LE GOFF, J. & NORA, Pierre (orgs). **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FLORES, AUÑUN, Juan Carlos. **El cine, outro médio didático**: Introducción a uma metodologia para el uso del cine como de las iências Sociales. Madrid: Editorial Escuela Espanhola S.A., 1982. (Colección Prática Educativa)

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

NASSALARA, Nair Leite R. **A pedagogia Histórico crítica e o livro didático: a questão do ensino de ciências entre os anos 50 e 60 no Brasil**. 2001. Dissertação (mestrado em educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru.

_____. **Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática**. Mimesis. Bauru, V. 31, n.1. 2010. p. 53-64.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. In: Olho na História, n.º 3, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/300773/O_Cinema_Eo_Conhecimento_Da_Hist%C3%B3ria. Último acesso em 23 jul. 2019.

PENTEADO, Helóisa Dupas. Metodologia do Ensino de História e Geografia. São Paulo: Cortez, 1992, p.187 - 193.

LIMA, Luis Eduardo Pina. **O cinema de História na História do cinema**. 2003, p. 227-236.

_____. Possibilidades didáticas de utilização do filme no ensino de história. 2003.

RAMOS, Alcides F. **Canibalismo dos fracos: cinema e História do Brasil**. Bauru: Edusc, 2002, p. 357 - 364.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através dos filmes. In: BITTENCOURT, Circe. (org) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 175.

ZUIM, Antônio A. Soares. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. In **Cadernos Cedes**. Ano XXI, n.º 54